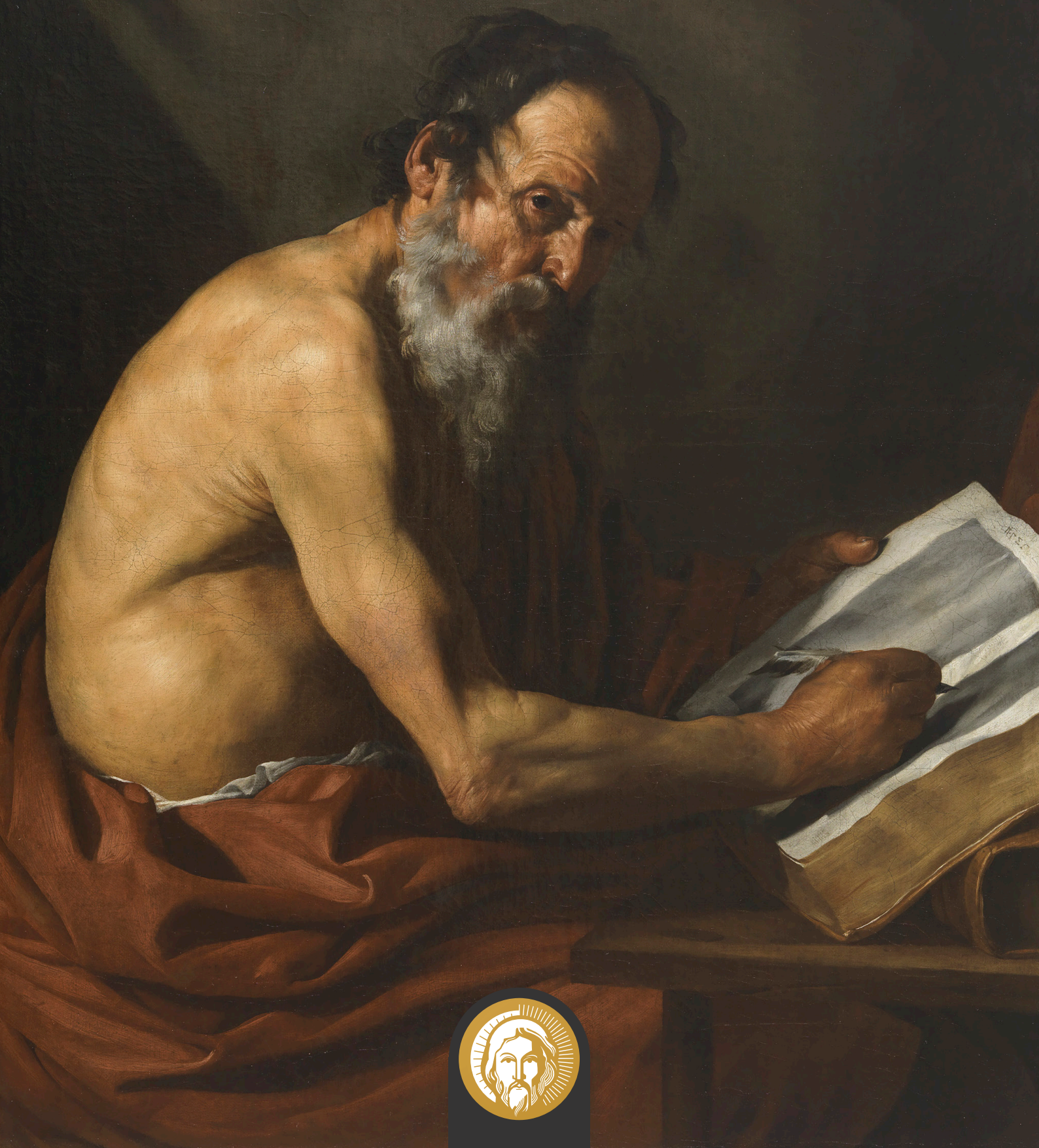


*O Temperamento Colérico
e a alma católica*

PE. CHRISTIAN KAPPES



O Temperamento Colérico^[1] e a alma católica



Em meu último artigo, eu gastei um tempo significativo descrevendo as características individuais que definem cada temperamento. A partir disso, passei a discutir a vida e a espiritualidade do temperamento melancólico. Neste artigo, falarei do colérico, talvez o mais “atrativo” dos temperamentos, dado ser justamente esta a tendência do colérico: “atrair” os outros a si.

Características do temperamento colérico

O colérico lida com o mundo, resumidamente, da seguinte forma: “Ao menos se essas pessoas (ou essa situação) fossem diferentes, então eu finalmente ficaria satisfeito/feliz.” Também o colérico possui uma estranha fantasia de controlar toda a realidade que há fora de si tendo em vista não envidar esforços internos profundos contra o pecado ou as próprias imperfeições. A tendência do colérico é estar orientado de modo consistente e quase exclusivo ao mundo fora da alma. O que há de errado com a Igreja, com a sociedade, com minha esposa, com meus filhos etc., é da máxima importância. O colérico é um corretor de problemas,^[2] ou ao menos um crítico de todas as coisas que lhe são externas. Sua ilusão é acreditar que o controle do ambiente fora de seu corpo e de sua alma é o meio para fazer do mundo um lugar melhor, e até mesmo para alcançar a santidade. A ação é vista como santidade: fazer *versus* ser. O colérico tem

[1] Original: Fr. Christian Kappes. The Choleric Temperament and the Catholic Soul. *The Latin Mass Magazine*, Advent/Christmas 2005, pp. 16-19. Tradução: Equipe Christo Nihil Praeponere.

[2] “Fixer and repairer”, no original (n.d.t.).

sérios problemas com o poder e o controle tanto de pessoas quanto da realidade em geral. Ele precisa aprender a ser passivo diante da vontade divina, e a desenvolver uma preocupação e uma estima autênticas para com os outros.

A lógica interna do colérico o faz encontrar milhares de racionalizações para as pessoas não se humilharem a si mesmas. Ela procura dispensar a necessidade de pedir desculpas, admitir um fracasso pessoal ou reconhecer o próprio erro. Se uma admissão é feita, ela vem sempre acompanhada de circunstâncias atenuantes ou de uma razão para minimizar seu impacto negativo sobre os outros.

Se ainda assim o colérico é pressionado a admitir seu erro ou pecado, ele se faz de vítima. Com isso eu quero dizer que, primeiro, em geral, ele tenta transferir o problema para o outro: “A culpa é sua; você está errado; você é ineficiente etc.” Se esse subterfúgio não funciona e ele precisa se responsabilizar, ele talvez aceite a culpa com uma série de racionalizações. O resultado normalmente é um pedido cheio de desculpas, dado mais para minimizar o mal que para humilhar o próprio ego.

Se nada disso funciona, o último recurso é o patético: “Sou eu a vítima aqui, não você!” O colérico começará com discursos sobre como ele teve um dia árduo no trabalho ou em casa, como ele carrega os fardos de todo o mundo, e se servirá de várias outras técnicas de distração para evitar assumir a responsabilidade por seus próprios atos.

No casamento, o colérico é aquele que pouca consideração tem para com os sentimentos dos outros (seja do cônjuge, seja dos filhos). As emoções destes são postas de lado, ignoradas ou minimizadas. Trata-se de uma forma de não incomodar a si mesmo para desejar o verdadeiro bem do outro. Já que o colérico sempre tem a solução, ele presume saber o que é

bom para o outro de modo instantâneo, evitando escutar, receber conselhos ou trocar ideias.

O colérico não gosta de ser incomodado e é bastante exigente com os outros. Existem sempre, é claro, várias razões coléricas para algo ser “justo” ou “correto”. É o orgulho que conduz o navio do colérico. Ele parece abraçar a “vontade de poder” de Nietzsche com facilidade natural. Eu estou escrevendo aqui para o colérico, que neste instante deve estar sentindo seus ossos gritando dentro de si: “Esse não sou eu. Eu não sou um monstro. Essa é uma caricatura grotesca”. Não surpreenderia se ele fosse tentado a recorrer ao seu cônjuge ou ao seu filho melancólico a fim de obter uma resposta ensaiada de como essa descrição não se aplica a ele. Bem, caro colérico, é verdade que eu comecei sendo duro com o seu temperamento, mas perceba que é disto que você precisa: olhar para dentro de si, ver os seus próprios defeitos, nomeados e numerados, e então ser capaz de verbalizar cada um deles, seja a Deus, seja ao seu próximo, a quem você tem ofendido.

Como o colérico pode romper esse ciclo de orgulho e de autointeresse? No fim das contas, muitos grandes santos foram coléricos! Como o colérico pode se tornar livre de suas paixões dominantes, da *libido dominandi* de que falava Santo Agostinho? A batalha fundamental do colérico é com a visão que ele tem de si mesmo como sendo inadequado. Trata-se de um sentimento profundo e secreto de inutilidade ou impotência. “Se eu não estiver sempre certo, se eu não tiver sempre a solução, se eu não tiver sempre o poder, os outros irão me rejeitar ou me ferir!” A alma colérica não é capaz de empregar para si palavras bonitas como mansidão, gentileza, humildade e ternura. Essas virtudes parecem efeminadas e antiquadas à nossa época, tão necessitada de *força* e de *fortaleza* na luta contra o mal.

Na frase “*ama teu próximo* como a ti mesmo”, o colérico deve atentar-se à palavra “próximo”. A alma colérica se imagina tendo sempre em mente o melhor para os outros, mas sem lhes perguntar nada. E se ela pergunta, é sempre se inclinando à própria preferência. O colérico identifica os pontos fracos do outro para manipulá-lo, ou então realiza para ele alguns atos aparentemente generosos, a fim de fazê-lo se sentir em dívida. Tudo isso é disfarçado de caridade, mas a motivação, na verdade, é o orgulho.

Contra isso, o colérico precisa começar a se perguntar: “O que essa pessoa está me dizendo é bom para ela?” Sim, porque para vocês, coléricos, a reação imediata a essa necessidade é de desconfiança. Esse é um problema especialmente entre os católicos tradicionais, preocupados como estão em possuir “o bastião da verdade”. Essa valorosa aspiração pode com muita frequência produzir efeitos bastante negativos no colérico, criando nele uma aura de certeza que o encoraja a pressupor que seu juízo é *sempre* superior às opiniões dos outros, até em matérias não-doutrinárias.

Quando se pede algo do colérico, seu *modus operandi* deve ser sempre perguntar: “Será que eu tenho uma reação negativa a esse pedido por causa do meu temperamento? Será que eu não quero fazer isso porque me contraria, porque é difícil ou porque me incomoda?” Se essas perguntas são respondidas, o colérico pode começar a entender as legítimas necessidades físicas, mentais e espirituais do seu próximo.

Vida espiritual

Para a alma colérica eu recomendo *A Imitação de Cristo* e as obras ascéticas de Santo Afonso de Ligório. Ela precisa escutar e reconhecer seus defeitos e seu orgulho como *pecados pessoais*, que devem ser atribuídos à sua própria vontade. O demônio normalmente é o bode expiatório do colérico. Ensina a sabedoria dos Padres do Deserto que, como os coléricos

vivem absortos em sua vontade própria, os demônios os deixam sozinhos a maior parte do tempo; como eles vivem obcecados com as próprias opiniões, decisões e com a própria justiça, os demônios nem se incomodam em tentá-los.

Eis a verdade angustiante para o colérico: o pecado tem origem, em grande parte, na sua própria vontade pessoal. Quando ele começa a receber iluminação através de dois meios — a meditação e o exame de consciência —, ele passa a deparar com a parte melancólica latente em seu temperamento. Em outras palavras, quando o colérico assume sua identidade e responsabilidade pessoais por ter feito sofrer seja a Nosso Senhor, seja às pessoas ao seu redor (especialmente os membros de sua família), então talvez lhe sobrevenham uma tristeza e uma solidão profundas. Um sentimento profundo de pesar pelos próprios defeitos irá tentá-lo a acreditar que, se qualquer pessoa realmente o conhecesse (já que a alma colérica está sempre se escondendo por trás de uma muralha de confiança), certamente o rejeitaria.

Esse é o momento da graça. Quando assumimos ser impotentes diante de nossos próprios defeitos, então Cristo vem à nossa alma e Nossa Senhora pode nos prestar auxílio. É preciso experimentar nossa “pequenez” na oração e pedir a nosso divino Senhor que fique conosco, nos aceite e cuide de nós, particularmente nesses momentos de profunda dor em que vemos o quão indignos somos a nossos próprios olhos. É aí que Nosso Senhor nos levanta em nossa humildade e nos consola em nossa dor. Não é quando nos consideramos excelentes observantes da Lei que ascendemos ao amor de Deus, mas sim quando começamos a enxergar o quão patéticos somos.

Virtudes requeridas

De longe a mais importante virtude para o colérico é a humildade. Ele precisa ir-se aos humilhando aos poucos — *e.g.*, quando ele comete um erro verbal ou ortográfico, deve reconhecê-lo e assegurar que sua autoestima não seja destruída por causa disso. Ele também deve começar a se permitir “estar errado”. Ser corrigido ou contrariado é intolerável e sempre traz consigo a raiva. Por isso, o colérico deve se determinar a pedir desculpas pelas coisas erradas que fez todos os dias. Se isso for pedir muito no começo, que ele faça uma resolução matinal de evitar ter a última palavra tantas vezes no dia (talvez uma vez só seja possível a princípio), ou que se determine a ser o primeiro a pedir desculpas depois de uma discussão. Particularmente humilhante será concordar com a crítica dos outros à sua pessoa: “Sim, você está certo, eu fui egoísta e insensível. Procurarei mudar meu comportamento.” Quando chegar o momento de se reconhecer responsável por uma imperfeição moral, será como se uma tonelada de tijolos estivesse caindo sobre ele. A alma colérica protestará mil vezes dizendo não ser necessário nem prudente fazer uma confissão a Deus ou ao seu próximo, mas, meu caro amigo, esse é o único caminho para a santidade e até mesmo para a salvação.

O colérico deve encontrar material de leitura sobre as virtudes da humildade, da mansidão, da gentileza e da bondade. Para tanto, ele deve olhar para Santo Tomás (ou procurar por um opúsculo chamado *My Way of Life*, que é uma suma da *Suma*).^[3] A vida dos santos deve mover seu orgulho a pelo menos caminhar na estrada da humildade, e longe de um desejo por honra e glória. É claro que, no fim das contas, é Deus quem irá purificando as intenções. Mas é importante dar o primeiro passo. Sem

[3] No original, o autor fala erroneamente do livro *My Daily Life*, o qual, embora faça parte da mesma coleção que o título *My Way of Life*, possui outro conteúdo. Este livro pode ser encontrado e adquirido no site da *Amazon*, mas não tem tradução para a língua portuguesa. A expressão “suma da *Suma*” faz referência à *Suma Teológica*, obra mais importante e mais conhecida de Santo Tomás de Aquino (n.d.t.).

isso o colérico sempre sofrerá com uma solidão profunda e com um sentimento de separação dos outros, já que ele a todos isola — inclusive a Nosso Senhor e a sua amosíssima Mãe. Quando a alma colérica luta contra a raiva (que é quase sempre), ela não deve procurar pessoas a quem criticar ou humilhar. Ela não deve procurar por algo no ambiente externo sobre o qual lançar a sua ira. Ao contrário, ela deve acalmar a própria alma pela virtude da eutrapelia.

A *eutrapelia* é um recurso necessário para o colérico quando ele sente a irritação se aproximando. Seja pintando, andando de bicicleta, golpeando um saco de pancadas (para os mais agressivos) ou lendo um livro agradável, o colérico deve se *retirar* imediatamente e não ceder, procurando acalmar as paixões que clamam para que ele ataque outra pessoa, e de maneira irracional. Como diz Sêneca, *maximum remedium irae mora*, “o melhor remédio para a ira é o tempo”. Se o colérico não praticar alguma forma de atividade recreativa, todos na sua família sofrerão. Um verdadeiro colérico talvez despreze o lazer como uma perda de tempo.

Vida de oração

A alma colérica precisa dar prioridade à oração. Quando ela o faz, acontece de ela se achar surpreendentemente disposta à santidade. A meditação é absolutamente essencial. O autoconhecimento não é um ponto forte do colérico e, portanto, ele geralmente está cego para os efeitos negativos que seu temperamento tem sobre os outros (junto com essa cegueira, há uma preocupação excessiva em relação ao estado da Igreja e da nação, da sociedade, da família etc.). Santa Teresa d'Ávila insiste em que meia-hora de meditação por dia é o mínimo para a alma católica que procura a própria salvação. Esse é certamente o mínimo para o colérico, e ele faria bem em progredir até chegar a uma hora por dia. Ele precisa começar aos poucos e ir gradualmente adquirindo o hábito de gastar cinco minutos, depois dez etc. A pessoa colérica precisa dirigir seus sofrimentos e suas

reclamações sobre a vida todas a Cristo, para então receber o consolo de Nosso Senhor na oração. Ela deve aprender, como Santo Afonso, a tornar-se afetuoso em sua vida. Ela deve abrir a porta das paixões e das emoções lançando-as para fora, em direção a Cristo e sua Mãe. Isso não costuma ser fácil. Ao final dessas discussões sobre os temperamentos, devo apresentar um método breve e efetivo de meditação. O método sugerido no artigo anterior (sobre o temperamento melancólico) será suficiente para o colérico dar o pontapé inicial.

Por fim, eu apenas gostaria de recordar a finalidade com que esses artigos estão sendo escritos — a saber, a santidade do leitor. Se não formos capazes de começar a separar o trigo da palha nos hábitos de nossas vidas, então estaremos fadados a imitar os mesmos modos de vida viciosos e pagãos que muitos têm experimentado a partir de suas criações e de suas amizades. É essencial que comecemos por confiar na fé e na espiritualidade perenes da Igreja a fim de reorientarmos as nossas vidas. Ao colérico eu gostaria simplesmente de lembrar que é a meta da sua própria santidade, e particularmente sua salvação, o que demanda o desafio delineado no presente ensaio. O colérico acredita conhecer a si mesmo, mas ele conhece apenas o eu que é apresentado aos outros como objeto de veneração. Através das virtudes e dos métodos acima apresentados, ele pode começar a conhecer quem ele é de fato: pequeno e impotente, mas amado por Deus — que veio para morrer sobre um madeiro infame também pela alma colérica.